

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Faculdade de Letras de Lisboa

1



E D I C O E S
C O S M O S

二〇〇一
二〇〇二
二〇〇三
二〇〇四
二〇〇五
二〇〇六
二〇〇七
二〇〇八
二〇〇九
二〇一〇
二〇一一年
二〇一二年
二〇一三年
二〇一四年
二〇一五年
二〇一六年
二〇一七年
二〇一八年
二〇一九年
二〇二〇年
二〇二一年
二〇二二年
二〇二三年
二〇二四年
二〇二五年
二〇二六年
二〇二七年
二〇二八年
二〇二九年
二〇三〇年
二〇三一年
二〇三二年
二〇三三年
二〇三四年
二〇三五年
二〇三六年
二〇三七年
二〇三八年
二〇三九年
二〇四〇年
二〇四一年
二〇四二年
二〇四三年
二〇四四年
二〇四五年
二〇四六年
二〇四七年
二〇四八年
二〇四九年
二〇五〇年
二〇五一年
二〇五二年
二〇五三年
二〇五四年
二〇五五年
二〇五六年
二〇五七年
二〇五八年
二〇五九年
二〇六〇年
二〇六一年
二〇六二年
二〇六三年
二〇六四年
二〇六五年
二〇六六年
二〇六七年
二〇六八年
二〇六九年
二〇七〇年
二〇七一年
二〇七二年
二〇七三年
二〇七四年
二〇七五年
二〇七六年
二〇七七年
二〇七八年
二〇七九年
二〇八〇年
二〇八一年
二〇八二年
二〇八三年
二〇八四年
二〇八五年
二〇八六年
二〇八七年
二〇八八年
二〇八九年
二〇九〇年
二〇九一年
二〇九二年
二〇九三年
二〇九四年
二〇九五年
二〇九六年
二〇九七年
二〇九八年
二〇九九年
二一〇〇年
二一〇一年
二一〇二年
二一〇三年
二一〇四年
二一〇五年
二一〇六年
二一〇七年
二一〇八年
二一〇九年
二一〇一〇年
二一〇一一年
二一〇一二年
二一〇一三年
二一〇一四年
二一〇一五年
二一〇一六年
二一〇一七年
二一〇一八年
二一〇一九年
二一〇二〇年
二一〇二一年
二一〇二二年
二一〇二三年
二一〇二四年
二一〇二五年
二一〇二六年
二一〇二七年
二一〇二八年
二一〇二九年
二一〇三〇年
二一〇三一年
二一〇三二年
二一〇三三年
二一〇三四年
二一〇三五年
二一〇三六年
二一〇三七年
二一〇三八年
二一〇三九年
二一〇四〇年
二一〇四一年
二一〇四二年
二一〇四三年
二一〇四四年
二一〇四五年
二一〇四六年
二一〇四七年
二一〇四八年
二一〇四九年
二一〇五〇年
二一〇五一年
二一〇五二年
二一〇五三年
二一〇五四年
二一〇五五年
二一〇五六年
二一〇五七年
二一〇五八年
二一〇五九年
二一〇六〇年
二一〇六一年
二一〇六二年
二一〇六三年
二一〇六四年
二一〇六五年
二一〇六六年
二一〇六七年
二一〇六八年
二一〇六九年
二一〇七〇年
二一〇七一年
二一〇七二年
二一〇七三年
二一〇七四年
二一〇七五年
二一〇七六年
二一〇七七年
二一〇七八年
二一〇七九年
二一〇八〇年
二一〇八一年
二一〇八二年
二一〇八三年
二一〇八四年
二一〇八五年
二一〇八六年
二一〇八七年
二一〇八八年
二一〇八九年
二一〇九〇年
二一〇九一年
二一〇九二年
二一〇九三年
二一〇九四年
二一〇九五年
二一〇九六年
二一〇九七年
二一〇九八年
二一〇九九年
二一〇一〇〇年

TRICENTENÁRIO DA MORTE DO PRIMEIRO TRADUTOR DA BÍBLIA PARA PORTUGUÊS

Provavelmente num dia entre 6 de Agosto e 10 de Outubro de 1691, morria em Batávia, hoje a cidade de Jacarta, na Indonésia, um português de sessenta e três anos, chamado João Ferreira de Almeida.

Decorre agora, por conseguinte, o terceiro centenário da morte daquele que foi um ilustre tradutor da Bíblia. Foi ele mesmo o iniciador da que veio a tornar-se a primeira Bíblia completa em português, tendo traduzido todo o Novo Testamento e uma grande parte do Antigo.

Aquele que lhe completou a obra de tradução era um holandês, Jakob op den Akker. Mas o famoso missionário protestante português é que deu nome a esta tradução, que até aos dias de hoje se continua a editar com o nome de João Ferreira de Almeida.

Apesar de não serem os números que dizem o mais importante dos acontecimentos históricos e de nem sequer ser possível conseguirem-se estimativas relativamente às edições feitas antes de 1922, foram já publicados vários milhões de exemplares desta Bíblia, nas edições que, desde há setenta anos, têm sido feitas em Londres, em Lisboa ou no Brasil.

Como muitas vezes tem acontecido, noutros casos, ao longo da história, também esta tradução da Bíblia constituiu de algum modo simbolicamente a unidade da língua portuguesa, assinalando bem a sua situação de diáspora.

Tendo, de facto, aparecido numa longínqua região estrangeira e tendo sido sobretudo editada na Indonésia, na Holanda e em Londres, só desde há menos de cinquenta anos se edita directamente no Brasil e de há menos de vinte começou a editar-se em Portugal. Os leitores a cujas mãos até agora, na maior parte dos casos, ela tem chegado, encontravam-se também em diversas franjas de diáspora relativamente à lusitanidade originária.

Nascido em Torre de Tavares, no concelho de Mangualde, e depois de uma rápida passagem por Lisboa, João Ferreira de Almeida emigrou com catorze anos para a Holanda e dali para Batávia, na ilha de Java, que representava para os Holandeses o que representava Goa para Portugal.

Ali aderiu à Igreja Reformada holandesa de linha calvinista e cedo começou, parece que com dezasseis anos, a tarefa de tradutor da Bíblia para português.

Se bem que o não tenha feito provavelmente a partir das línguas originais, mas cotejando algumas traduções que se lhe ofereciam no

seu tempo, João Ferreira de Almeida apresenta-nos um texto que, pelo conceito de tradução então mais seguido no domínio do texto bíblico, conserva um certo rigor de literalidade, quase se adivinhando o pitoresco colorido do original, nomeadamente do hebraico, por detrás da expressão portuguesa.

Para além disso, tendo sido a primeira Bíblia em português, foi a única que se manteve ininterruptamente em edição até aos dias de hoje, já desde há trezentos e dez anos, se contarmos desde a edição do Novo Testamento, em Amesterdão, em 1681.

É assim que se nos oferece nesta Bíblia um monumento vivo da história da língua portuguesa, sob variados pontos de vista.

Em primeiro lugar, trata-se de uma tradução que representa uma realidade linguística diferente da do ambiente literário do português europeu daquela altura.

Na verdade, o seu autor saiu de Portugal ainda na sua juventude e os leitores e ouvintes a quem destinava a sua tradução, as comunidades protestantes portuguesas da ilha de Java e do Oriente em geral, não falavam já um verdadeiro português de cá, mas um português com as limitações e riscos de corrupção e petrificação a que está sempre sujeita uma língua franca. Originalmente esta tradução fixou, portanto, um tipo específico de português que não terá um número tão grande de textos a documentá-lo.

Mais ainda, o texto que agora se continua a editar já não é inteiramente aquele que saiu da mão do tradutor original. Ao longo destes mais de trezentos anos, o seu texto sofreu várias revisões, correcções e actualizações. Algumas delas, logo no século xviii, foram tendentes a verificar, a adequação da tradução com os textos bíblicos originais. E essas revisões foram feitas por hebraístas que não conheciam com tanta profundidade a língua portuguesa, por serem estrangeiros, se bem que a escrevessem com correcção. O mesmo acontecera já com o continuador da tradução de Almeida, como comenta David Lopes, em *Expansão da língua portuguesa no Oriente, nos séculos xvi, xvii e xviii*, 1969, 180.

Estas múltiplas metamorfoses do texto representam uma verdadeira história redaccional, que se nos apresenta agora como testemunha de muitos horizontes, tanto no domínio semântico, gramatical e estilístico como no aspecto teológico, cultural e hermenêutico.

E um texto que se nos apresenta hoje como suporte e espelho de tão variadas e profundas metamorfoses ao longo de tanto tempo poderá naturalmente agora encontrar-se já razoavelmente desactualizado e revelando alguma necessidade de ser substituído por outras traduções feitas segundo os critérios que só mais recentemente se

definiram. Um tal texto, no entanto, apresenta-se-nos certamente com uma densidade documental que justifica plenamente ser aproveitado para se realizarem estudos e mesmo teses.

Estudar os níveis em que este texto se foi tornando, por vezes, obsoleto é reconhecer e celebrar os níveis com que ele se foi tornando um documento histórico. Haja em vista como o estudo de L. A. Weigle, «Obsolete terms», em G. S. Buttrick, *The Interpreters Dictionary of the Bible*, N. Iorque, 1962, III, 502-589, sublinha a dimensão histórica de uma tradução setenta anos mais antiga do que a de João Ferreira de Almeida, a célebre «King James Version».

A figura de João Ferreira de Almeida tem sido objecto de alguma bibliografia que denota a consciência da sua transcendência na história da cultura portuguesa no mundo, mas que não tem ido muito mais longe, tanto no domínio do factual como no da investigação do texto em si mesmo.

É, na verdade, sintomático que um artigo em inglês de J. L. Swelengrebel tenha sido frequentemente traduzido e republicado em Portugal e no Brasil. Trata-se de *João Ferreira de Almeida, um tradutor português da Bíblia em Java*, publicado em *A Bem da Língua Portuguesa*, Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, 24 (1973), 156-166.

Referir este tricentenário como efeméride memorável pretende estimular o aproveitamento que é possível fazer e que vai colocar este acontecimento importante da cultura portuguesa no horizonte planetário da sua própria expansão.

José Augusto Ramos

MESTRADO EM HISTÓRIA E CULTURA PRÉ-CLÁSSICA

«O estudo e investigação da História Antiga constitui uma das lacunas mais evidentes da historiografia portuguesa. A História Medieval, a História Moderna e a História Contemporânea, a par de esporádicas incursões na Pré-História e Arqueologia, têm constituído os domínios exclusivos do labor científico. Monografias e teses de doutoramento em História Antiga são praticamente inexistentes em Portugal, ignorando quase quatro milénios de devir histórico documen-